



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC I
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

LÍDIA VERONICA SILVA

A NECESSIDADE DE PRÁTICAS LÚDICAS NAS SALAS INFANTIS

CAMPINA GRANDE

2012

LÍDIA VERONICA SILVA

A NECESSIDADE DE PRÁTICAS LÚDICAS NAS SALAS INFANTIS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como exigência para conclusão de curso e obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Maria de Lourdes Cirne Diniz.

CAMPINA GRANDE

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586n Silva, Lidia Veronica .

A necessidade de práticas lúdicas nas salas infantis [manuscrito] / Lidia Veronica Silva, 2012.

37 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Ma. Maria de Lourdes Cirne Diniz , Departamento de Pedagogia”.

1. Educação Infantil 2. Atividade Lúdica 3. Sala de Aula I. Título.

21. ed. CDD 372

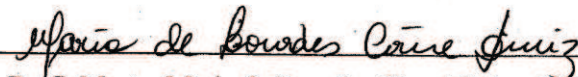
LÍDIA VERONICA SILVA

A NECESSIDADE DE PRÁTICAS LÚDICAS NAS SALAS INFANTIS

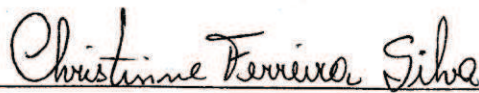
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como exigência para conclusão de curso e obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovado em 27 / 11 / 2012.

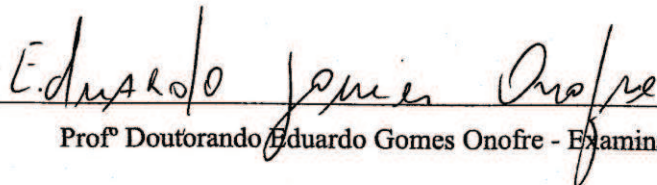
BANCA EXAMINADORA



Profª. Mestra Maria de Lourdes Cirne Diniz - (Orientadora)



Profª Especialista Christinne Ferreira Silva – Examinadora



Profº Doutorando Eduardo Gomes Onofre - Examinador

CAMPINA GRANDE

2012

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que sempre me deu forças para ir em busca dos meus objetivos e superar as minhas limitações na condição de humana, em seguida, à minha amada e insubstituível mãe, que se foi para os braços do pai, sem que pudesse compartilhar comigo da celebração de mais essa vitória, que, certamente, um dia ela sonhou para mim. A ti minha mãe, o meu amor eterno e incondicional, que o tempo jamais irá apagar.

AGRADECIMENTOS

Esse é um momento muito especial, onde reconheço o esforço de todos aqueles que contribuíram de alguma forma, para que hoje eu pudesse estar concluindo essa formação adquirida com tanto esforço, em anos de aprofundamento, de noites em claro, de correria e de vitórias.

Deus, te louvo e agradeço, por essa oportunidade, confio em ti e sei que me capacitaste para chegar até aqui.

Ao meu amado Pai, minhas irmãs queridas e familiares, que me incentivaram e ajudaram, revezando os cuidados com minha filha, preocupação com os horários da minha chegada à noite, e pelas orações que sei que aconteceram e chegaram até a mim, em forma de forças e energia para seguir.

À minha filha Lohana Vitória, que mesmo tão pequenina, ficou por muitos espaços de tempo sem a minha presença, ou, até por vezes, sem a atenção merecida, que muitas vezes, para estar ao meu lado, tentava me copiar, lendo um livro, revistinhas ou até mesmo os textos que eu estudava, para as aulas dos dias seguintes. Valeu filhinha, foi também pensando em você que não desisti diante de tantos desafios.

Aos meus professores, que cumpriram tão bem o seu papel, todos muito capacitados e admirados por mim, alguns, além de ensinar conteúdos, deram verdadeiras lições de vida, de solidariedade. Muito obrigada a todos que compõem a UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA, entidade a qual tenho o maior orgulho de ter integrado.

Aos amigos de curso, que por muitos momentos se tornaram tão íntimos quanto os familiares, compartilhando alegrias, angústias.

Também agradeço ao meu noivo, que sempre esteve ao meu lado, e que tanto me incentivou a concluir esse trabalho, sua compreensão e amor foram extremamente decisivos no meu sucesso.

À minha orientadora Lourdinha, pessoa excepcional, exemplo de ser humano, e que teve tanta paciência e perseverança comigo, cobrando, ligando, ajudando. Oferecendo sua ajuda, além do que o seu profissionalismo exigia.

Muito obrigada a todos!

Enquanto não encontrarmos os interesses da criança,
não teremos encontrado a própria criança.

Albino Aressi

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar a importância do Lúdico, bem como investigar como vem sendo vivenciado nas salas de aula infantis. Através da observação *in loco*, na Creche Estadual e na escola da rede particular, procuramos ver como esse importante recurso ao desenvolvimento infantil vem sendo trabalhado no dia a dia dos atuantes da educação de crianças de 0 a cinco anos, fazendo um breve comparativo entre a Rede Pública e a Rede Privada. Sabendo da importância de práticas que envolvem os jogos, as brincadeiras, o faz de conta e o brincar na Educação Infantil, é importante observar qual o espaço dado a esses momentos de aprendizagem e desenvolvimento nas referidas salas, seja pública ou privada. Ou seja, sobre a prática direcionada pela ludicidade. Como suporte teórico, fizemos uso de discursos, de concepções e práticas correntes de conceituados estudiosos, como: Rego (1995); Redin (1998); Santos (2001; 2006); Maluf (2003; 2007) entre outros, e o documento RCNEI (BRASIL, 1998) e a LDB (BRASIL, 1996), que contribuíram para certificar nossas concepções acerca do tema, refletindo sobre como proporcionar um aprendizado prazeroso a crianças de zero a cinco anos, como também, o caminho a ser trilhado para uma educação de qualidade, que vise à criança, como centro desse processo. Enfim, compreender a ludicidade como uma linguagem particular e como espaço de aprendizagem prazerosa para o professor é ponto de partida, para uma prática fundamental no desenvolvimento da identidade e da autonomia da criança, ou seja, a escolha da sua brincadeira, brincar com seus pares e saber diferenciar a afirmação do seu eu no ato de brincar. E, trazendo para a minha vivência como professora regente, esse estudo favoreceu um leque de aprendizagem, no qual o conhecimento através da teoria articulado à prática fortalece e enriquece nosso fazer pedagógico através da ludicidade. Realizada no período de 28 de maio a 04 de junho de 2010.

Palavras-chave: Prática Pedagógica; Educação Infantil; Lúdico.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 EDUCAÇÃO INFANTIL: avanços e desafios	11
1.1 OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL	16
1.2 INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO E FUNÇÕES	18
1.3 A INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL	19
2 O LÚDICO E SEUS SIGNIFICADOS NO CONTEXTO ESCOLAR.....	21
2.1 A NECESSIDADE DE PRÁTICAS LÚDICAS NAS SALAS INFANTIS	22
3 METODOLOGIA.....	26
3.1 EXPERIÊNCIA DE CAMPO: uma análise comparativa	26
3.2 OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA LÚDICA NA CRECHE DA REDE PÚBLICA	26
3.2.1 <i>A Escola: caracterização</i>	26
3.2.2 <i>A Sala de Aula</i>	27
3.3 VIVENCIANDO, ANALISANDO E RELATANDO A PRÁTICA LÚDICA NA REDE PRIVADA	28
3.3.1 <i>A Escola</i>	28
3.3.2 <i>A Sala de Aula</i>	29
3.3.3 <i>Registro das Aulas</i>	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve, como objetivo principal, analisar a importância de práticas lúdicas nas salas de Educação Infantil e a sua relação com a aprendizagem das crianças nesta fase escolar. Para desenvolver uma prática voltada para a ludicidade, o professor precisa compreender a brincadeira, como uma linguagem particular e como espaço de aprendizagem prazerosa da criança.

Nessa perspectiva, buscamos, como objetivos específicos: comparar a vivência lúdica do cotidiano entre uma Creche Pública e uma Escola Particular; refletir sobre a minha prática direcionada para a ludicidade; compreender a brincadeira, como uma linguagem particular e como espaço de aprendizagem prazerosa da criança; focalizar a necessidade da inclusão de jogos e brincadeiras nas salas infantis, como fatores de desenvolvimento físico, mental e social; resgatar um breve histórico de como a educação de crianças de 0 a 5 anos vem sendo tratada, do século XVI até o momento atual.

Ressaltamos, ainda, que através do lúdico, a criança irá encontrar os incentivos necessários ao seu desenvolvimento. Mostraremos, portanto, a importância dos jogos e brincadeiras nesse processo tipicamente infantil, pois favorecem o desenvolvimento de suas aptidões físicas e mentais. Também estaremos analisando qual o espaço que os jogos e brincadeiras ocupam no cotidiano das salas infantis.

Para garantir que o aprendizado das crianças de Educação Infantil seja prazeroso e desenvolvido de maneira respeitosa às especificidades da infância, é necessário que o professor esteja comprometido, com uma prática, que propicie à criança oportunidades de brincar, de se expressar e de participar ativamente desse processo, que deve ser uma interação construtiva entre os saberes e interesses do professor e aluno. Para tanto, focaremos a necessidade da inclusão dos jogos e brincadeiras nas salas infantis, como fatores de desenvolvimento físico, mental e social.

Para aprofundar e subsidiar nossas concepções sobre o objeto de estudo, utilizaremos um referencial teórico com base em conceituados autores como: Rego (1995); Redin (1998); Santos (2001; 2006); Maluf (2003; 2007) entre outros, e o documento RCNEI (BRASIL, 1998) e a LDB (BRASIL, 1996).

Assim, nesse contexto, o seguinte estudo foi dividido em três segmentos: No primeiro seguimento intitulado: Educação Infantil: avanços e desafios em que procuramos resgatar um breve histórico de como a Educação de crianças de zero a cinco anos vem sendo tratada, do

século XVI até o momento atual. O segundo aborda o tema: O Lúdico e seus Significados no Contexto Escolar, em que analisamos a importância do Lúdico para a educação de Crianças, sendo um fator inato e fundamental ao seu desenvolvimento. A metodologia percorrida no terceiro segmento trata da vivência e da prática no campo de estágio, tendo, como foco, a ludicidade, como uma linguagem própria da criança e o desenvolvimento de atividades, em que o Brincar torna-se uma aprendizagem criativa e prazerosa. Por fim, apresentamos as considerações finais e os resultados obtidos, com o desenvolvimento da proposta lúdica, como ferramenta das aulas e ressignificação da minha atuação e prática educativa, enquanto professora regente.

Com este trabalho, esperamos contribuir para uma reflexão sobre a importância de práticas direcionadas de ludicidade, nas instituições infantis, e, a obtenção de uma formação que valorize o “Ser Criança” no contexto familiar e escolar.

1 EDUCAÇÃO INFANTIL: avanços e desafios

Ao abordarmos este tema, faz-se necessário uma retrospectiva dos contextos históricos, onde a criança esteve inserida nos últimos anos.

As análises sobre o papel da criança na família e na sociedade foram bastante debatidos a partir dos estudos de Philippe Ariés desde o século XVI, onde ficou constatado que a criança não dispunha de regalias nem significância, vista, geralmente, como transtornos. Ainda, no século XVII, a teologia, na pessoa de Santo Agostinho, deixa evidente, em seus discursos, que se tinha na criança uma representação das forças do mal. Nessa época, a maioria dos pedagogos tinha formação em teologia e mantinha em ação o pensamento agostiniano, tanto é que, na tentativa de educar, aconselhavam as mães a não agir com seus filhos com mimos e afeto, condenando, inclusive, o ato de amamentar.

Na verdade, essa concepção de infância perdurou na pedagogia e na teologia do século XVII. Tanto foi arraigado esse pensamento nas mães, que se gerou uma rejeição de muitas, em relação a seus filhos e, assim, sucessivamente, um descontrole assistencial e afetivo, quando as mães burguesas se recusavam a amamentar seus filhos, estas, por sua vez, contratavam as amas de leite, que, por consequência, abandonavam um ou dois dos seus lactentes para se dedicar ao serviço contratado.

Esse período foi bastante marcado pelo “infanticídio”, motivo que veio a preocupar vários setores que lidavam direto ou indiretamente com a criança. Louzada (1999, p. 10) refere que: “Só a partir do século XVII formou-se um novo sentimento de infância, voltado para as questões psicológicas e moral. Antes de corrigir uma criança era preciso conhecer a sua mentalidade para educá-la de forma mais adequada”.

Nestes termos, era preciso começar a se pensar na criança, com uma maior sensibilidade, e, buscar alternativas, para que as mães tivessem apoio em outras instâncias, para conciliar a sua inserção no mercado de trabalho ao amparo e cuidados dos seus filhos.

Finalmente, a partir do século XIX, foram criadas as primeiras instituições de proteção à infância com a abolição da escravatura, para evitar o abandono, subnutrição e mortalidade infantil. Essas instituições tinham cunho abrigativo e deveriam tratar de cuidados com a alimentação e higiene das crianças.

Na década de 30, com o início da revolução industrial e a inserção de mulheres no mercado de trabalho, surgem as primeiras instituições destinadas aos cuidados dos filhos das trabalhadoras. Essas instituições tinham iniciativa privada, por parte dos próprios empresários,

visando melhor produtividade das operárias, que teriam seus filhos por perto e bem cuidados. Nessa época, começaram a surgir discussões em torno das propostas escola novistas, que já atentavam para propostas pedagógicas preocupadas com o desenvolvimento e aprendizado das crianças pequenas.

Mesmo com maiores reivindicações e o surgimento dos primeiros jardins de infância, para as classes sociais mais favorecidas, a proposta que se desenvolvia continuava agregada a cuidados assistencialistas. Na década de 40, o tratamento às crianças menores de sete anos (ainda não inseridas na educação primária) também não conseguiu grandes progressos. As creches eram tratadas como um “mal necessário”, mas começaram a ganhar parcerias que pudessem garantir a qualidade higienista, e, com o apoio da medicina e psicologia, foi reafirmada a preocupação com o cuidado corporal e também mental. Ainda, tentava-se na época pregar a responsabilidade e limitação da mulher aos cuidados do lar, questionando a sua inserção no meio industrial.

Em 1942 foi criada a “Casa da Criança” por parte do Ministério da Educação e Saúde, que firmaram parceria para dar maior assistência aos cuidados essenciais à visão dada à criança pequena, como ganho de peso, prevenção de doenças, cuidados com o ambiente, etc. Sobre essa situação Oliveira (2002) diz: [...] embora a necessidade de ajuda ao cuidado dos filhos pequenos estivesse ligada a uma situação produzida pelo próprio sistema econômico, tal ajuda não foi reconhecida como um dever social, mas continuou a ser apresentada como um favor prestado, um ato de caridade de certas pessoas ou grupos.

Nos anos 50, crescia a preocupação com as novas formas de entender e ver a criança, destacando as mudanças ocorridas na família devido à guerra e também devido ao novo papel que a mulher ocupava na sociedade, justificando, assim, a forte presença dos estudos psicanalíticos para crianças na fase pré-escolar.

Nesse sentido, aumentaram, então, as discussões em torno dos estudos teóricos de Montessori, Piaget e Vygotsky, no intuito de adaptar as práticas pedagógicas a um trabalho de cuidados e desenvolvimento da criança, desde os primeiros anos de vida e as consequências que essa fase levaria para o resto da vida estudantil.

Já na década de 60, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei 4024/61. Ela dava o direito às crianças menores de sete anos a ter escola pré-primária com objetivo educativo, atendendo a uma nova concepção de infância que igualava os direitos ao conhecimento independente da classe social que estivesse inserida essa criança, mas, com a vivência da ditadura militar, que divulgava a creche e pré-escola como instrumentos de assistência à criança carente.

Porém, essa lei não conseguia pôr em prática tais objetivos, pois a força política da época conseguiu impregnar suas ideias mais fortemente, até que durante a década de 70 tentasse colocar em prática a ideia de que a educação poderia resolver a “privação cultural” a que estavam sujeitas as crianças de classes sociais desfavorecidas, a chamada Educação Compensatória, que chegava ao Brasil influenciada por estudos europeus, e, ao ser desenvolvida sem apoio de políticas sociais, acabava exercendo alguns equívocos e levando a práticas alfabetizadoras precoces.

Quanto a década de 80 com o término do governo militar, novamente volta-se a pensar a creche e pré-escola como um espaço para a criança. Volta-se avançar a partir da constituição de 1988, que reconhece o direito à educação para as crianças de 0 a 6 anos e tentava modificar o sistema que até então, só garantia uma prestação de serviços assistencialistas e que, na verdade, não atentava para os direitos da criança e sim das mães trabalhadoras, que podiam deixar seus filhos nas mãos de cuidadoras em creches e, assim, poderem trabalhar tranquilas e, às crianças restavam então um atendimento que ignorava suas potencialidades.

Observa-se que a luta por um atendimento educacional adequado já se estende por muitas décadas, vem ganhando apoio e discussões, por ser um direito da criança, e que só será devidamente garantido, quando pais, professores, diretores e poderes públicos estiverem prontos a desempenhar, da melhor maneira, o seu papel social, sério e comprometido, pois a lei por si só não é capaz de garantir que as instituições infantis ofereçam serviços preocupados com o desenvolvimento integral da criança, como é frisado em Brasil (1993, p. 10) “entre o patamar político e as práticas no campo das políticas sociais e, especificamente educacionais, existe uma grande distância, que deve ser vencida no menor tempo possível”.

As creches e pré-escolas, apesar desse avanço com a lei, muitas vezes continuam norteando seu trabalho, por um projeto assistencialista, e os profissionais, muitas vezes, têm omitido seu papel diante da criança e desrespeitando-a, como esse “ser de direitos”.

Ainda, em Brasil (1993, p. 11) fala que

A educação infantil pode ter um grande significado, particularmente importante, quando se fundamenta numa concepção de criança como cidadã, como pessoa em processo de desenvolvimento, como sujeito ativo na construção do seu conhecimento.

Assim sendo, os órgãos públicos, que têm como dever manter e dirigir o trabalho em creches e pré-escolas, também devem estar a par do seu funcionamento, bem como desempenhar o seu papel fiscalizador e até mesmo punitivo, pois os prédios devem ser um

espaço para proporcionar à criança possibilidades de se desenvolver nos aspectos físico, motor e cognitivo, e, assim, cumprir o que determina a LDB (Lei 9394/96) no seu artigo 29, quando diz que “a educação infantil, primeira etapa da educação básica tem, como finalidade, o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando ação da família e da comunidade.

Hoje, com a reformulação da legislação educacional, a Lei 11.274, de 06 de Fevereiro de 2006, que ampliou o Ensino Fundamental para nove anos de duração, insere a criança de 6 anos nessa outra etapa do ensino, ficando o atendimento à Educação Infantil, Creche 0 a 3 anos de idade e Pré-Escola 4 a 5 anos de idade.

Por outro lado, a criança de 6 anos, saindo mais cedo da educação infantil, continua numa idade que requer um aprendizado que lhe incentive e lhe seja atrativo a suas peculiaridades de criança, como é frisado na própria lei e que, muitas vezes, é mal interpretada por parte dessas instituições de educação, que querem, muitas vezes, que essa criança modifique, bruscamente, sua postura, quanto às brincadeiras e maneira de convívio umas com as outras.

Desse modo, a educação também de crianças pequenas deve ser um compromisso de todos, complementando um à ação do outro, já que elas se desenvolvem conforme o ambiente e o contato social ao qual estão inseridas.

Para Machado (2002, p. 36) “[...] a maior ou menor importância dada à educação infantil depende da conjuntura política e econômica, e da correlação de forças existentes na sociedade”. Com esse pensamento, a autora reforça a importância do papel da sociedade e da união de forças para conseguir o progresso na área de educação infantil, e como cada um tem papel fundamental nesse processo.

Outro ponto importante a ser destacado é a formação obrigatória e também continuada do professor, para exercer a função, e para que o trabalho seja intencional e consciente através de pressupostos teóricos necessários, de acordo com o conhecimento sobre a criança, e como ela se desenvolve e aprende, tornando-a agente do seu aprendizado, pois ainda são encontrados, no exercício de educadores, muitos profissionais despreparados e que, muitas vezes, não têm a formação mínima, tornando o acompanhamento à criança de forma fragmentada, ou, atuando apenas como cuidadores que cometem erros com uma má atuação.

Para Wajskop (1996, p. 96), o novo professor de educação infantil deverá:

[...] ser um profissional reflexivo, em constante formação pessoal e acadêmica, aberto a mudanças e atento às diversidades e pluralidades das crianças com as quais trabalha, de maneira a oferecer-lhes um atendimento de qualidade.

Corroborando com o autor acima citado, para desenvolver um bom papel, é importante a atuação de profissionais preparados para lidar com as crianças em ações educativas, desde os seus primeiros anos de vida, pois, essa atuação poderá marcar para sempre a vida delas, sendo um marco positivo ou negativo, dependendo do seu preparo, pois esse ser em formação guardará, de maneira muito particular, suas experiências, e elas o farão avançar no seu processo de formação de personalidade, identidade e cidadania.

Assim, educar crianças de 0 a 5 anos de idade requer um minucioso estudo de caso, do que é esse pequeno ser, do seu fantástico universo e das suas potencialidades, entendendo a ludicidade como fator intrínseco e fundamental no processo de descobertas e desenvolvimento, fator que vem a ser exaltado quando se diz: “A brincadeira é considerada a primeira conduta inteligente do ser humano; ela aparece logo que a criança nasce e é de natureza sensório-motora” (SANTOS, 2006, p. 13), mostrando que as creches e pré-escolas, de uma forma geral, ao prestar seu serviço a este público precisa estar atento e procurar elaborar, em suas propostas, momentos diversificados e pensados, para que a criança se sinta acolhida, à vontade e sempre estimulada a se desenvolver, tendo respeitados todos os seus anseios.

A qualidade total ainda é um grande desafio, pois, muitas vezes, as práticas desenvolvidas, quando há formação (embasamento teórico) não condizem com o discurso, o que é ainda mais preocupante, pois, para mudar o quadro da educação infantil, é necessário que as práticas estejam baseadas nas concepções mais atuais e com maiores possibilidades de resultados positivos, nos quais toda a equipe acredite, discuta e avalie aplicação e resultados.

Nessa busca, também podemos destacar o pensamento de Franco (2002, p. 24): “Um dos grandes desafios, portanto, é a busca do desenvolvimento de uma educação de qualidade em sentido amplo, que respeite as características próprias da criança”. Ou seja, não podemos pensar a qualidade sem que haja o total comprometimento com o ser criança e a seriedade e consciência abrangente que envolve os atos de cuidar e educar, utilizando-se de estratégias adequadas às fases de desenvolvimento infantil.

Por outro lado, também se faz importante analisar o fato de que agora, a criança de 6 anos passa a integrar o ensino fundamental e não mais a educação infantil, mas elas continuam sendo infantis e necessitando de práticas que aliem o conhecimento ou o fato de alfabetizar com a ludicidade que envolvem o universo da criança nessa idade, e também, no decorrer do ensino fundamental, pois, muitas vezes, esse fato que já ficava esquecido nessa etapa seguinte da educação, se torna ainda mais apagado ao receber esses pequenos que se chocam ao entrar em uma fase que se acha no direito de tirar o brinquedo e cobrar-lhes uma

postura de deixar de lado a brincadeira e a fantasia, para criar uma responsabilidade precoce com o encaminhamento do estudo e aprendizado.

Nesse sentido, torna-se preocupante a mudança. Segundo Kramer (2003, *apud* BRASIL, 2007), é preciso garantir que as crianças sejam atendidas nas suas necessidades (a de aprender e a de brincar), que o trabalho seja planejado e acompanhado por adultos [...] e que saibamos [...] ver, entender e lidar com as crianças como crianças e não apenas como estudantes.

Para tanto, nas suas práticas cotidianas, os professores têm que entender essa necessidade da criança e reavaliar seu trabalho, para que garanta a não violação de direitos fundamentais para a criança de 6 anos, na sua continuidade de infância, propiciando-lhes entusiasmo pela nova fase, e não lhes afastando de hábitos e comportamentos que lhes incentivem a se desenvolver, isso representa hoje, no cotidiano escolar, um desafio devido a fragmentação no processo de aprendizagem da criança, que sai do infantil para o ensino fundamental, ocasionado por uma proposta pedagógica falha, necessitando a criança de 6 anos de um maior acompanhamento no seu processo cognitivo e afetivo.

1.1 OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Depois de algumas reformas ocasionadas através de estudos e leis que garantem às crianças de Educação Infantil os mesmos aparatos, no que diz respeito ao processo de aprendizagem, essa etapa da educação passou a ter responsabilidade de uma assistência planejada, para o desenvolvimento pleno das crianças. Como já foi citado no artigo 29 da Lei 9394/96 que trata a Educação Infantil como primeira etapa da educação básica, foi dada uma maior responsabilidade a profissionais dessa área, que rompem um vínculo com a versão assistencialista.

A equipe pedagógica de creches e pré-escolas tem então um papel fundamental na vida dessas crianças, dirigindo para elas um trabalho que lhes propicie condições de se relacionarem e se desenvolverem na sua condição de criança.

Para Franco (2002, p. 12) “sem o trabalho pedagógico adequado, instituições de educação infantil podem estar servindo, assim, de local de guarda, de confinamento, favorecendo também o ‘desaparecimento’ da infância [...]”, com isso, a referida autora nos confirma a preocupação de nortear o trabalho com as crianças pequenas para que não se volte para uma prática assistencialista e sim uma prática que respeite a especificidade da infância,

sem deixar que isso se confunda com a antecipação de fases, em que a criança chegará devidamente preparada (se desenvolvido um trabalho sério e adequado). É preciso valorizar o aprendizado a partir das relações em grupo, e o notável desenvolvimento natural, a partir desse aspecto, ajudando-a a construir a sua história.

Os objetivos sugeridos em RCNEI (BRASIL, 1998, p. 27) destacam a garantia de oportunidades para que as crianças de zero a três anos sejam capazes de:

- experimentar e utilizar os recursos de que dispõe para a satisfação de suas necessidades essenciais, expressando seus desejos, sentimentos, vontades e desagrados, e agindo com progresso e autonomia;
- familiarizar-se com a imagem do próprio corpo, conhecendo, progressivamente seus limites, sua unidade e as sensações que ele produz;
- interessar-se, progressivamente, pelo cuidado com o próprio corpo, executando ações simples relacionadas a saúde e higiene;
- brincar;
- relacionar-se progressivamente com mais crianças, com seus professores e com demais profissionais da instituição, demonstrando suas necessidades e interesses.

Quanto às crianças de quatro a seis anos, são estabelecidos os seguintes critérios:

- ter uma imagem positiva de si, ampliando sua autoconfiança, identificando cada vez mais suas limitações e possibilidades, e agindo de acordo com elas;
- identificar e enfrentar situações de conflitos, utilizando seus recursos pessoais, respeitando as outras crianças e adultos, e exigindo reciprocidade;
- valorizar ações de cooperação e solidariedade, desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração, e compartilhando suas vivências;
- brincar;
- adotar hábitos de autocuidado, valorizando as atitudes relacionadas com a higiene, alimentação, conforto, segurança, proteção do corpo e cuidados com a aparência;
- identificar e compreender sua pertinência aos diversos grupos dos quais participam, respeitando suas regras básicas de convívio social e diversidade que os compõem (BRASIL, 1998, p. 27).

No contexto desses objetivos, registra-se a necessidade dos educadores e todos que fazem da instituição de Educação Infantil tomar conhecimento das diretrizes / objetivos e ações que norteiem o trabalho educativo no cotidiano das salas infantis. Com o intuito de somar estes indicadores do processo de desenvolvimento das crianças do que se quer alcançar, isto é, os objetivos propostos nessa faixa etária.

1.2 INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO E FUNÇÕES

Na educação infantil EDUCAR e CUIDAR são duas funções indissociáveis, portanto, todo o fio condutor desse processo se desenvolve a partir desses dois segmentos.

Em RCNEI (BRASIL, 1998, p. 23) enfatiza que:

Educar significa proporcionar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada, e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros, em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.

Com base nessa orientação do RCNEI, nos mostra a amplitude da visão de educar a criança em uma ação que envolve aspectos de desenvolvimento, sociabilidade e aprendizagem, onde ela explora o ambiente, e através de brincadeiras e interações com os outros, construirão seu aspecto cognitivo a partir de uma intervenção planejada e dirigida pelos professores e demais funcionários da instituição. Pois esse aprendizado acontece a todo o momento, com igual significância, durante a aquisição do desenvolvimento infantil.

Em suma, essas crianças precisam ter contato com brinquedos e objetos diversos, que através do seu imaginário (princípio do desenvolvimento do psique) também o tornarão como brinquedo. Ao educar também devem ser valorizados e explorados, nas instituições, as manifestações culturais, e oportunizar a troca de experiências, valorizar a livre expressão da criança fará esse universo ser ampliado e conhecido.

Através da vivência, a criança cria novas modalidades de cultura, que serão partilhadas umas com as outras no momento histórico evidenciado. A sociedade como um todo também tem papel fundamental, pois fornece elementos diversificados de conhecimentos e linguagens, favorecendo a construção da identidade. Para a instituição cabe explorar, no contexto educativo, todos os aspectos eminentes ao desenvolvimento geral da criança pequena.

Outra função que favorece também é o Cuidar, trazendo uma visão de extensão do lar, onde a instituição deve complementar a ação da família, considerando a heterogeneidade de pensamento, cultura e pessoas envolvidas no processo, para assim familiarizar a criança com o espaço e profissionais na intenção de motivá-la a desenvolver noções de cuidados com o corpo, alimentação e higiene.

Por outro lado, as relações afetivas envolvidas nesse ato, que abrangem o campo de profissionais envolvidos, atentando assim, para a multidisciplinaridade da equipe que envolve responsáveis pela saúde corporal, mental, comportamental, de segurança e outros mais que se tornem necessários, pais e familiares que possam contribuir para o acompanhamento das crianças.

Neste sentido, o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 11) cita: “Cuidar como valorizar e ajudar a desenvolver capacidades”. Diz ainda que “o cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio, que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos”. Portanto, cuidar exige conhecimentos sobre o ser e o desenvolvimento, além de requerer grande atenção à forma de expressão de cada um em suas fases específicas, para poder ser atendidas de forma satisfatória em seus anseios individuais.

1.3 A INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

O trabalho educacional para crianças de 0 a 3 anos deve ser desempenhado em creches públicas ou privadas; serão assim denominadas ao atenderem o público desta idade, com condições adequadas e propícias, para oferecer oportunidade de desenvolvimento integral das crianças e as Pré-escolas referentes ao atendimento de crianças, na idade de 4 a 6 anos, que, por sua vez, precisam oferecer condições adequadas ao desempenho de suas funções.

Esses órgãos devem ser avaliados pelos setores responsáveis pela educação em cada município, que deve analisar uma série de fatores como: estrutura física, mobília, material pedagógico adequado, corpo docente e proposta pedagógica, entre outros, para que se garanta uma educação o mais próximo possível de padrões de qualidade garantidos na lei, como enfatiza os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (BRASIL, 2006), subsidiando os sistemas, na discussão e implementação de parâmetros de qualidades locais, para organização e funcionamento do sistema de ensino na faixa etária de 0 a 5 anos, bem como os Indicadores da Qualidade na Educação Infantil (BRASIL, 2006), que contribui para que as instituições de Educação Infantil tenham condições de fazer sua autoavaliação de

qualidade, por meio do processo participativo a toda a comunidade, tendo, como caminho, a direção de práticas educativas que respeitem os direitos fundamentais das crianças e ajudem a construir uma sociedade mais democrática.

2 O LÚDICO E SEUS SIGNIFICADOS NO CONTEXTO ESCOLAR

A criança é um ser que participa do contexto social e cultural, aprendendo culturas e tradições, mas também, construindo novos traços, fazendo história. Ela é um agente produtor, não é um vir a ser no futuro, é capaz de agir, de mudar, de transformar.

O trabalho na educação infantil tem um papel fundamental, podendo propiciar condições aos pequenos como um todo, para que eles se sintam a vontade no seu mundo, estimulando-os a dialogar e explorá-los, conhecê-los e agirem sobre ele.

Levando em conta a importância dessa fase, o espaço deve ser lúdico, onde as brincadeiras devem fazer parte da rotina, pois a criança desde cedo aprende com elas, e precisa desse meio presente na sua vivência, pois é um fato inato e necessário. Para educar, é necessário conhecer esse universo infantil e fazer dele o próprio método de intervenção nesse processo.

Para ajudar a criança no seu desenvolvimento, buscamos compreender sua natureza, e nessa busca encontramos o BRINCAR como uma necessidade básica que surge muito cedo nela. A brincadeira é considerada a primeira conduta inteligente do ser humano; ela aparece logo que a criança nasce e é de natureza sensório-motora (SANTOS, 2006, p. 13).

Observa-se o espaço da educação infantil como uma etapa de aprendizado, desenvolvimento e magia, e o convívio com outras crianças; o manuseio com o brinquedo e o brincar em si darão à criança condições de aprender e de ensinar porque através de uma troca de cultura, vivências, experiências e afeto, o aprendizado acontece dia a dia entre educadores e educandos, e essa relação é capaz de transformar e marcar profundamente a vida deles e os laços que se formam, necessariamente, farão parte de sua personalidade, identidade, autonomia e modo, como lidarão com os desafios, como reafirma Franco (2002, p. 38) “na educação infantil, as trocas que as crianças estabelecem com as educadoras infantis são tão necessárias que estas relações ocupam um lugar especial, por isso, fazem parte do primeiro grupo da vida da criança”.

Refletindo, a brincadeira, o brinquedo e afetividade darão à criança meios de vivenciar a amplitude e a plenitude da infância, uma etapa fundamental para o desenvolvimento de virtudes e equilíbrio que aparecerão positivo ou negativamente, refletindo a forma como foi tratada.

Entre os princípios norteadores (BRASIL, 1998) está o inciso III que fala: As propostas pedagógicas para as instituições de educação infantil devem promover, em suas práticas de educação e cuidados, a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivo/linguísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser total, completo e indivisível. Assim, é papel da escola atender a criança em seu aspecto geral, não fragmentar, mas valorizar o conjunto que tornará os atos de educar e cuidar completos.

Quando falamos em uma educação lúdica estamos querendo destacar que a criança precisa ser respeitada na fase em que está vivendo. Seu universo de descobertas está cheio de fantasias, e é através dessa fantasia que ela vai descobrindo o mundo; com a educação não pode ser diferente. Educar ludicamente implica entender a fórmula mágica de conduzir o aprendizado voluntário que desde cedo a criança desenvolve, para isso, ela precisa sentir que o mundo está preparado para ela, e que as pessoas ao redor dão a ela credibilidade e possibilidade de criar, brincar, conhecer, transformar.

É na educação infantil, onde, primordialmente, é necessária uma prática que valorize e incentive as descobertas da criança, para que ela tenha a possibilidade de ampliar seu imaginário e transformá-lo em conhecimento, vivenciando atividades que proporcionem a ampliação de suas curiosidades e permita que vá em busca de novos caminhos.

Lúdico vem do latim *LUDOS*, que é relativo ao jogo, prazeroso. Por isso, introduzir o jogo e as brincadeiras é imprescindível na educação dos pequenos, pois eles só vão ter interesse nesse processo se lhes forem ocasionadas situações que lhes proporcionem prazer.

Um ambiente lúdico, preparado por profissionais, que tenham uma formação adequada, ajudará o trabalho educativo e envolverá o educando em situações de aprendizagem; para propor à criança uma educação realmente qualificada, é necessário que o professor desenvolva uma prática apoiada por teorias que se preocupam em oferecer subsídios favoráveis à prática consciente de uma pedagogia que entenda os caminhos a ser trilhados, em favor do desenvolvimento e aprendizado da criança pequena e sua relação com o mundo; que não atrole seu conceito de aprender brincando e brincar para aprender.

2.1 A NECESSIDADE DE PRÁTICAS LÚDICAS NAS SALAS INFANTIS

A Educação Infantil precisa estar preparada para atender as necessidades da criança de 0 a 6 anos, comprometidas com práticas que favoreçam o seu desenvolvimento.

É primordial que as crianças de até cinco anos desfrutem de um espaço propício ao seu desenvolvimento, e a escola entenda seu papel como mediadora. Para tanto, tem faltado essa preocupação com esse ser expressivo, demonstrando como prioridade a prática alfabetizadora. É preciso garantir uma aprendizagem prazerosa, onde a brincadeira possa ser vista como primeira necessidade da criança, onde através dela possa conhecer e dar significado ao mundo.

Vygotsky diz que: “Através do brinquedo, a criança aprende a atuar numa esfera cognitiva que depende de motivações internas” (REGO, 1995 p. 81). Sendo assim, podemos constatar que a criança se desenvolve brincando e brinca para se desenvolver, não com intenção própria, mas por questões inatas do ser humano. Nestes termos refletimos o que diz o autor: “O lúdico é uma dimensão especificamente humana e o direito ao lazer está incluído, pelas nações, entre os direitos humanos” (REDIN, 1998, p. 63).

A aprendizagem lúdica para as crianças é um recurso de várias possibilidades, podendo ser proporcionado através de jogos simbólicos, músicas, brincadeiras de faz de conta, jogos dirigidos, teatro, dança, onde a criança é o principal agente condutor de sua aprendizagem. Através do prazer, interesse e interação, ela sai do que Vygotsky definiu, como zona de desenvolvimento real para a zona de desenvolvimento potencial, voltando a real e partindo novamente ao potencial, numa constante evolução cognitiva (REGO, 1995).

As salas de aula infantis precisam oferecer práticas lúdicas, ou seja, condições ao desenvolvimento da brincadeira, da interação com o brinquedo e também a confecção, pois a criança, nessa idade, é capaz de criar e interagir com o adulto, descobrindo e dando asas à sua imaginação, bem como, tomando conhecimento de suas limitações, mas principalmente, explorando suas potencialidades.

Também é muito importante a exploração dos “cantinhos”, onde a criança pode buscar uma identificação de acordo com o seu estado emocional daquele dia, pois através da brincadeira, ela pode passar de um estado negativo a um positivo, e isolada ou coletivamente, construir um jogo simbólico e representar o que está sentindo, tudo isso através de um trabalho intencional do professor e da escola através da ludicidade, onde seu maior compromisso é que a criança se sinta a vontade e estimulada a desenvolver-se em todos os aspectos e, uma prática que respeite a especificidade da infância.

“A ludicidade, entendida como um mecanismo da subjetividade, afetividade, dos valores e sentimentos – portanto, da emoção – deverá estar junto na ação humana tanto quanto a razão” (SANTOS, 2006, p. 112).

Portanto, cabe ao professor, devidamente preparado, em Formação Continuada, dirigir sua prática de modo que a criança se desenvolva e se interesse pelo aprendizado, sendo este uma troca constante através da relação professor – aluno, pois, o profissional bem preparado valoriza essa relação e sabe que não está numa posição vertical, onde ele é o dono do conhecimento, ao contrário, ele aprende muito com a criança e todo o conhecimento que ela traz consigo e, quando oportunizada, compartilha com o grupo. De acordo com o RCNEI (BRASIL, 2002, p. 85), “É preciso que o professor tenha consciência de que, na brincadeira, as crianças recriam aquilo que sabem sobre as mais diversas esferas do conhecimento, em uma atividade espontânea e imaginativa”.

A realidade é que muitas escolas e professores, ainda que, tendo conhecimento da importância da ludicidade, acomodam suas práticas e ignoram essa necessidade do aluno, às vezes por “falta de recursos”, quando públicas, enfatizando falta de verbas ou desinteresse dos poderes públicos, quando, na verdade, é possível colocá-la em prática, aplicando baixíssimos custos através de brinquedos e materiais sucata, que ainda propiciam a construção coletiva e a imaginação das crianças.

Mais do que um simples questionamento, o que será na verdade comodismo, falta de dedicação, desrespeito à particularidade de ser criança? Se é na escola privada, já há uma cobrança maior de coordenadores e diretores, mas, ainda assim, muitas vezes as palavras bonitas sobre a expressividade da crianças ficam só nas folhas de planejamento, como se o principal compromisso fosse apenas mostrar sua eficiência profissional com a escrita e criatividade imaginativa, e o espaço da criança para jogar, brincar ou simbolizar ficasse restrito a passatempo ou à hora e forma que a professora determinar, aí acabam sempre aparecendo as famosas frases: “Não é hora de brincar, agora é hora de aprender ou deixem para brincar no recreio”.

Constatamos que alguns diretores ainda acham que um bom professor é aquele que “militariza” os alunos, conseguindo mantê-los sentados e em silêncio. Relacionado a esse pensamento, Maluf (2003, p. 23) falou que: “A tendência atual na educação é não perder de vista o lúdico”.

Sendo assim, a escola que tem compromisso, com as atuais propostas de educação, precisa entender e propiciar as práticas lúdicas como aliadas ao desenvolvimento e aprendizado, respeitar e incentivar os professores de Educação Infantil nessa direção do trabalho pedagógico, valorizar e respeitar a expressividade da criança e sua liberdade de movimentos como necessidade dela, onde o educador vai analisar nisso a proposta necessária

para sua turma, quando então, uma educação que interessa a criança de forma mais significativa.

O professor deve ter consciência do seu trabalho e aplicar ao dia a dia, na sala de aula, atividades que envolvam as crianças e despertem interesse e envolvimento das mesmas, para que elas evoluam e explorem o universo das descobertas. “As atividades lúdicas podem colaborar com o desenvolvimento pessoal, a formação do homem autônomo, e ao mesmo tempo, com a melhoria na participação comunitária, o homem construtivo” (DOHME, 2008, p. 122).

Nessa perspectiva, o trabalho lúdico na educação infantil vai além de um aprendizado significativo para a criança, pois irá prepará-la para a convivência em sociedade, ocasionando harmonia entre o ser e o outro, numa vivência da coletividade por melhorias em comum.

Encontra-se aí, pois, a subjetividade do lúdico, que perdura na formação e desenvolvimento contínuo do ser. Acreditar nessa proposta envolve a busca constante pela qualidade da Educação Infantil e aplicação de métodos comprovados e empenhados em atender as necessidades atuais, e aos objetivos de estudo e aplicação de uma Pedagogia que alie teoria à prática, na busca da qualidade total.

A ludicidade deve fazer parte da própria formação do educador, ele precisa ter conhecimento sobre sua aplicação, como também precisa vivenciá-lo junto aos grupos de sua formação, é importante que a escola não só acredite como incentive e invista na formação dos seus professores, pois terá, como principal resultado, a certeza de estar no caminho certo da educação para a vida. Para Machado (2002, p. 12): “A formação continuada passa a ter seu lugar na escola, visando a atualização, o aprofundamento dos conhecimentos profissionais, e o desenvolvimento da capacidade de reflexão sobre o trabalho educativo”.

3 METODOLOGIA

Este trabalho monográfico de cunho qualitativo e descritivo foi desenvolvido através de uma pesquisa baseada nos pressupostos teóricos citados neste trabalho, numa visão holística sobre a necessidade de práticas lúdicas nas salas infantis. De acordo com Minayo (2004, p. 10) sobre as metodologias qualitativas aponta como: [...] aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas.

Nessa esteira, podemos concluir que o presente trabalho foi desenvolvido nas escolas citadas com foco nos objetivos propostos, visando uma melhor qualidade e valorização do ensino tratado nas escolas públicas sobre o tema Lúdico nas salas infantis.

3.1 EXPERIÊNCIA DE CAMPO: uma análise comparativa

O campo de estágio nos oportunizou fazer uma pesquisa de caráter qualitativo/descritivo em duas escolas, isto é, em uma creche pública e uma escola particular, as quais fizemos uma análise da vivência lúdica no seu cotidiano. Para tanto, foi constatado que as escolas realizaram um trabalho voltado para o lúdico, que retratam as brincadeiras, mas, no seu contexto apontam realidades diferentes, uma pela dificuldade de recursos e a outra pela prioridade dada ao ensino de conteúdos.

3.2 OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA LÚDICA NA CRECHE DA REDE PÚBLICA

3.2.1 A Escola: caracterização

A Creche Pré-Escolar Estadual funciona no bairro do Monte Santo e atende a crianças do bairro e mediações. Funciona em tempo integral, das 7h00min às 17h00min, havendo revezamento de funcionários por turno. No ano letivo de 2009, de Outubro a

Dezembro, quando estive no período de Observação, a Creche contava com 95 alunos distribuídos em quatro salas de aula e faixa etária de 2 a 6 anos. O prédio dispõe de grande área livre, com árvores, bancos e espaço de areia para as crianças brincarem. Em contato com essa área livre funcionam as turmas do Pré I e Pré II, em salas grandes, ventiladas e com banheiro próprio. Na parte mais interna funcionam a direção, o dormitório, banheiros feminino e masculino, refeitório, cozinha e duas salas de Maternal, havendo ainda área de serviço, pátio ao ar livre e área coberta para a recreação e eventos.

As crianças começam a chegar em média às 6h0045min. As maiores pegam suas bolsinhas com a farda e se trocam no banheiro de suas salas. Achei muito interessante porque as crianças bem pequenas, ao chegarem, passam em um corredor onde estão posicionadas suas sacolinhas com o número e a foto correspondente a cada uma, elas pegam sozinhas e seguem até o refeitório onde as professoras ajudam nesse momento de troca, então elas guardam as roupas que vêm de casa, levam a sacolinha de volta ao corredor e colocam nos ganchos ordenadamente, voltando ao refeitório para tomar café da manhã, que ocorre por volta das 7h0030min. Ao final, se dirigem às suas salas de aula para iniciar suas atividades. Observando esse momento de Rotina, as crianças vão desenvolvendo sua identidade e autonomia, conforme enfatiza o RCNEI (BRASIL, 1998).

Refletindo sobre estes momentos, podemos então constatar a importância da rotina como criação de hábitos e início do aprendizado, como diz FREIRE (1998) que a rotina é alicerce básico para que o grupo construa seus vínculos, estruture seus compromissos, cumpra suas tarefas, assuma suas responsabilidades para que a construção do conhecimento possa acontecer.

3.2.2 A Sala de Aula

A sala de aula observada foi a do Maternal I, que conta com uma boa estrutura para abrigar as 20 crianças que a frequentam, sendo 12 meninos e 8 meninas. A sala ampla, com janelas de vidro, proporciona boa iluminação e ventilação, possui um balcão grande para guardar materiais, um *micro system*, um ventilador e mesinhas com cadeiras em bom estado de conservação.

A rotina da sala se alterna conforme os dias da semana. No primeiro dia, a aula se inicia com brinquedos de montar entregues às crianças para brincadeiras livres. No segundo dia, a aula se inicia com contação de história. Dando prosseguimento, no terceiro dia, com música e expressão corporal. Já no quarto dia, brincadeiras no pátio. No último dia da semana, a aula se inicia com músicas, explicação e realização de atividades escritas ou de pintura.

Nesse contexto, as atividades geralmente são mimeografadas e preparadas na hora pela professora, que enquanto prepara, deixa as crianças brincando sob o olhar da auxiliar da sala. A professora regente cursa o segundo período de Pedagogia na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Mesmo estando iniciando sua formação acadêmica, pude ver nela um olhar muito sensível àquelas crianças, tratando-as com muito carinho e respeito às individualidades de cada uma, sempre tentando integrá-las e envolvê-las em todas as atividades desenvolvidas.

A auxiliar da sala não possui formação pedagógica e demonstra afetividade com as crianças, porém há necessidade de um maior conhecimento sobre o Cuidar e Educar atribuído aos professores de Educação Infantil, como se posiciona o Ministério da Educação e do Desporto pronunciada por Gisela Wajskop que “Em médio prazo, portanto, todos os docentes da Educação Infantil devem ser formados em cursos de nível superior (licenciatura de graduação plena) admitida, como formação mínima, a oferecida em nível médio, modalidade normal, conforme artigo 62 da LDB”.

Haja vista enfatizarmos que aprendi através da minha própria prática a importância da formação do educador, pois antes através de um censo comum, eu acreditava que, para ser professora de crianças pequenas, bastava ter carinho e lhes ensinar as primeiras letras, decodificar palavras vãs e números sem sentido.

Hoje através da formação que recebi, e as experiências vivenciadas, percebi a complexidade dessa tarefa e quanto nos tornamos responsáveis, não apenas pela formação do intelecto, mas principalmente, pelo caráter e equilíbrio emocional de pessoas com todas as suas individualidades. Portanto, com o estágio nessa Creche ampliou-se minha visão sobre a prática educativa vivenciada nas salas infantis.

3.3 VIVENCIANDO A PRÁTICA LÚDICA NA REDE PRIVADA

3.3.1 *A Escola*

A escola da Rede Privada localiza-se no Bairro da Palmeira, e atende a crianças de classe trabalhadora do próprio bairro e de outros vizinhos. Ela funciona em prédio alugado, adaptado para atender as necessidades de funcionamento exigidas pelo MEC. Com o ensino de Educação Infantil e Fundamental I conta com cento e cinco alunos, divididos em dois turnos. O corpo docente se compõe por oito professoras, 80 % delas formadas ou cursando Pedagogia, atuando as demais sob a orientação da equipe.

Funcionam 5 salas, 4 banheiros, diretoria, parquinho, cantina e quintal para a recreação dos alunos.

O planejamento das aulas é feito e discutido coletivamente com professores e direção semanalmente, na sexta feira, o horário de saída dos alunos é uma hora mais cedo, propiciando esse momento de discussão e norteamento do trabalho pedagógico. Nesse contexto, ocorre o que Celso Vasconcelos definiu como o que fazer cotidiano, mas ele também destaca: “[...] o plano poderá ter muito mais consistência e organicidade se estiver articulado ao Projeto Político Pedagógico da Escola” (VASCONCELOS, 2000, p.148). Como integrante do corpo docente dessa instituição, vejo também essa necessidade de articulação entre planejar o cotidiano, tendo, como base, a proposta educativa da escola.

3.3.2 *A Sala de Aula*

A sala de aula do Maternal e Jardim I conta com uma boa estrutura para atender as crianças de 2 a 4 anos, espaço amplo, boa iluminação, ventilação e proximidade do parquinho da escola. Dentro da sala estão disponíveis: televisão, aparelho de DVD, alguns brinquedos de uso coletivo e jogos de encaixe. Nesta sala frequentam as aulas 11 crianças no turno da tarde e 8 no turno da manhã. Fazemos um trabalho coletivo nesses dois turnos, onde eu, atuante do turno da tarde, planejo e me reúno com a professora da manhã e seguimos o mesmo planejamento, com os mesmos recursos, tais como: livro didático e metodologia.

A rotina da sala se divide em momentos e, assim, sempre que possível, à tarde se divide em: momento de reflexão, momento das músicas e expressão corporal, momento da rodinha de conversa, momento da modelagem e brincadeiras livres, momento da atividade escrita, lanche e momento de brincadeiras no parquinho.

A relação professor-aluno é satisfatória, com boa afetividade, entrosamento; Nas rodinhas de conversa todos se expressam bem e contam experiências do seu cotidiano. Nas brincadeiras há uma boa relação entre meninos e meninas, mesmo havendo muitos conflitos por posse de brinquedos, o que, às vezes, inevitavelmente, geram pequenas agressões, então, procuro ajudá-los a resolver de forma reflexiva esses conflitos que são comuns na faixa etária dos mesmos. Com base nessas vivências, urge refletirmos o que diz o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 17) “As pessoas com quem construíram vínculos afetivos estáveis são seus mediadores principais, sinalizando e criando condições para que as crianças adotem condutas, valores, atitudes e hábitos necessários à inserção naquele grupo ou cultura específica”.

Mediante essas observações, vimos a necessidade de atuar no campo de estágio na minha própria sala, depois de chegar ao quarto ano de Pedagogia com habilitação em Educação Infantil e refletir sobre a minha prática, se condiz ou não com tudo o que vinha estudando, e pude perceber, no cotidiano, que estava faltando uma maior participação da ludicidade e brincadeiras daquelas crianças, valorizando mais o aprendizado que a própria criança busca e acontece de forma espontânea e é construída através do convívio social e interação com o brinquedo e com o outro.

Assim, conforme o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 22): “Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e autonomia.” Desde que percebi essa necessidade, venho tentando, sobretudo, aplicar esses conceitos e desenvolver uma prática mais condizente com o perfil de um profissional que busca capacitação e tenta dirigir sua prática de acordo com os conceitos criados e pensados para a criança, numa busca de tornar o aprendizado eficaz e prazeroso, dando assim a sua contribuição, na formação e educação desses, que serão os cidadãos atuantes de uma sociedade que tem anseio de ser transformada.

Na atuação desse citado estágio, pudemos ter um olhar mais sensível e avaliativo quanto à aplicação da prática lúdica. Em nossos momentos didatizados, na aplicação dos conteúdos planejados pela escola, para a obtenção de alguns objetivos ou mesmo nos momentos de livres brincadeiras das crianças, foi possível e fácil de ver o quanto elas

próprias se interessaram de realizar as atividades propostas, as quais se deram da seguinte forma:

3.3.3 Registro das Aulas

Registro do dia 28/05/2010:

Neste primeiro dia de atuação, a aula foi iniciada com a rotina diária, ou seja, as crianças foram recepcionadas, em seguida fizemos oração, cantamos algumas músicas e fomos para a rodinha de conversa.

O assunto do dia era vogais, com enfoque na vogal “O”. Para desenvolver ludicamente essa atividade, foi cantada uma música da vogal “O”, em seguida, as crianças tentaram reproduzi-la com massa de modelar, observaram e destacaram a vogal entre as demais coladas em um móbile de pratinhos descartáveis e depois fizeram atividades de pintura e colagem no livro. As crianças demonstraram interesse pelas atividades, participaram e conseguiram realizá-las com êxito. É importante introduzir a brincadeira na execução dos conteúdos ligados à Educação Infantil, em que as crianças aprendem brincando prazerosamente.

Conforme Santos (2006, p. 7): “[...] as atividades lúdicas são ferramentas indispensáveis no desenvolvimento infantil, porque para a criança não há atividade mais completa do que o BRINCAR”.

As salas infantis necessitam de que a brincadeira seja o fio condutor, ela, por si própria, já proporciona o desenvolvimento da criança, e nos momentos em que se deseje cumprir com o planejamento da escola, elas devem mais ainda ser valorizadas para que a criança aprenda, mas, brincando.

Registro do dia 31/05/2010:

Nesta aula, segundo dia de atuação, depois da acolhida, foi reservado um tempo para as crianças brincarem livremente. Nesse momento, elas se dividiram em grupinhos, onde tanto meninas como meninos participaram das brincadeiras escolhidas por eles como: casinha (usando bonecas, paninhos, travesseiros e brinquedos variados),

modelagem com massinha (formando bolas, traves, bonequinhos e animais), jogos de encaixe (separando por cores, tamanhos e formando torres e trens).

Seguindo esse momento, foi apresentado o conteúdo do dia: “Mesmo sentido e sentido contrário”. Iniciamos formando duas filas, onde, em forma de brincadeira, foi proposto que as filas andassem até um ponto da sala, assim, no mesmo sentido. Logo após, modificamos uma das filas para que andando para a frente não fossem as duas mais para a mesma direção. Foram então propostas várias situações para que as crianças vissem que cada fila tomaria direções diferentes, dependendo do comando, até que elas pudessem concluir a diferença em seguir para o mesmo sentido e sentido diferente; depois disso observaram e praticaram na folha e no livro situações que os levava a praticar a temática em atividades de pintura.

Mais uma vez, a introdução do lúdico ajudou na aplicação do conteúdo desejado e levou as crianças de forma prazerosa a participar com mais empenho da aula.

O lúdico é uma característica fundamental do ser humano, do qual a criança depende muito para se desenvolver. Para crescer ela deve brincar e para se equilibrar frente ao mundo precisa de jogo, aprender brincando tem mais resultados, pois a assimilação infantil adapta-se facilmente à realidade (SANTOS, 2001, p. 173).

O fato é que, para desenvolver um trabalho satisfatório nas salas infantis, devemos acreditar na proposta da ludicidade como atributo comprovado, sendo o meio mais eficaz para que os pequenos vivenciem o aprendizado ativamente.

Registro do dia 01/06/2010:

Para esta aula, que tinha como conteúdo “Os Meios de Comunicação”, foram confeccionados alguns itens de comunicação e uma caixa com objetos concretos para manuseio das crianças como: telefones, rádios, livros, jornais, celulares, *notebook* de brinquedo e correspondências. A introdução do tema se deu na hora da rodinha de conversa, com a participação de todos os alunos e professora da sala, brincando de igual para igual, e fazendo parte de um só universo, o infantil, onde tudo se dá num faz de conta. As crianças conversaram através do telefone, leram as imagens dos livros e trocaram informações sobre o uso que fazem desses meios de comunicação em suas

casas, proporcionando a elas as práticas do diálogo, a oralidade e a leitura de mundo ludicamente.

Para Maluf (2007, p. 32): “Um professor que não gosta de brincar nunca irá observar seus alunos vivenciando práticas lúdicas, e também não reconhecerá o valor das brincadeiras na vida da criança”.

Essa brincadeira gerou, além de aprendizado, um importante resgate do convívio delas em casa, pois usam o brincar para representar o modo de vida que levam, com traços culturais e muitas trocas de informações uns com os outros, inclusive com o professor, que deve estar atento ao valor das brincadeiras como meio de conhecer a dada criança, em suas particularidades e conhecendo um pouco de suas famílias e a forma de interação que o brincar propicia.

Registro do dia 02/06/2010:

Neste dia, foi feito o estudo da letra “U”. Além de ter cantado a música da letra “U”, as crianças procuraram identificá-la em palavras extraídas de livros e revistas e colaram nas atividades. O momento lúdico nesta atividade foi que em forma de brincadeira, mas com regras que só permitiam que fossem por ordem conforme os nomes estivessem escritos no quadro, onde se dirigiam até ele para mostrar aos colegas se em seus nomes tinha a vogal estudada e destacá-la.

Para Piaget: “ênfatisa que as regras pressupõem a interação de pelo menos dois indivíduos, e que as regras funcionam para regular e integrar o grupo social” (OLIVEIRA, 2000, p. 143).

Nessa idade, as crianças ainda não estão aptas a compreender as regras, então foi apenas trabalhada para estabelecer uma ordem cronológica, com o intuito de que elas se dirigissem até a lousa, para identificar seus nomes e identificar neles a letra “U”.

Registro do dia 04/06/2010:

Esta aula foi o momento de vivência das festas juninas, com muitas brincadeiras e atividades que exploravam a corporeidade das crianças. A sala de aula foi previamente decorada com o tema, e, no início da aula, foi contada em círculo a lenda de São João para as crianças e depois elas foram participar das brincadeiras. A primeira era de pular fogueira, onde as crianças em fila se dirigiam a réplica de uma fogueira junina e davam

saltos para ultrapassá-la sem derrubar, e isso se deu de forma muito divertida, onde eles queriam participar.

E, nesse momento, brincando, eles estavam exercitando a sua coordenação motora ampla. Depois eles brincaram de pendurar bandeirinhas no cordão colocado atravessado na sala, pegando as bandeiras no cesto e pondo-as no cordão, elas exercitavam, de forma lúdica, a coordenação motora fina, fazendo movimentos de pinça. A outra brincadeira proposta foi a Pescaria, onde eles pegavam peixes e também letrinhas (vogais) com uma varinha, uma por vez, e em seguida fizeram a contagem para comparar com a quantidade dos colegas de sala. Conforme Santos (2006, p. 7): “[...] as atividades lúdicas são ferramentas indispensáveis no desenvolvimento infantil, porque para a criança não há atividade mais completa do que o BRINCAR”.

Dessa forma, através da brincadeira, eles estavam desenvolvendo várias habilidades como: reconhecimento das vogais, noções de quantidade, coordenação motora, contagem, sequência, iniciação a jogos com regras, entre outros. Nessa tarde foi muito prazeroso ver o desempenho das crianças, o interesse e alegria em participar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizarmos este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que analisa a prática lúdica no cotidiano das salas de aula infantis através da observação *in loco* em uma Creche Pública e atuação em uma Escola da Rede Privada, bem como uma autoavaliação de prática, como educadora na citada escola da Rede Privada, tornou-se possível concluir que o Lúdico viabiliza formas de Educação para crianças de 0 a 5 anos que respeitam seu desenvolvimento, sua individualidade, construção de relações e aprendizado que possibilitarão posteriores caminhos na construção e apreensão de conhecimentos adequados a cada fase da criança.

Vimos que essa vivência lúdica faz parte do cotidiano da Creche, mas registra-se uma ausência e melhor preparação por parte de alguns professores e auxiliares sobre a visão da importância dessas atividades lúdicas individuais e coletivas para o pleno desenvolvimento das crianças nas suas habilidades motoras e a valorização das práticas expressivas e corporais que favorecem na sua formação. Haja vista enfatizarmos que os

professores da referida instituição não possuem habilitação específica nesta área de Educação Infantil, tornando-se assim, uma prática pedagógica ausente de ludicidade.

Na Escola da Rede Privada, as práticas lúdicas ainda não são prioridade no desenvolvimento da ação pedagógica, no entanto, o referido estágio oportunizou a reflexão em torno da importância das brincadeiras como instrumento do cotidiano das crianças dessa fase, tanto nas ações dirigidas como em momentos espontâneos, em que a interação delas umas com as outras e com os brinquedos geraram momentos de diversão e aprendizado preparando-as para novos desafios de aprendizagem.

Comprovamos na prática que, com a introdução e vivência do lúdico, aumenta-se o envolvimento da turma e o interesse e participação nas ações planejadas pelo professor, que devidamente preparado e com a formação lúdica necessária saberá valorizar e disponibilizar suas aulas no contexto da ludicidade, como fator essencial na sala e em todos os compartimentos da escola.

Portanto, compreender a ludicidade como uma linguagem particular e como espaço de aprendizagem prazerosa para o professor é ponto de partida para uma prática fundamental no desenvolvimento da identidade e da autonomia da criança, ou seja, a escolha da sua brincadeira, brincar com seus pares e saber diferenciar a afirmação do seu eu no ato de brincar.

Enfim, trazendo para a minha vivência como professora regente, esse estudo favoreceu um leque de aprendizagem, no qual o conhecimento através da teoria articulado à prática fortalece e enriquece nosso fazer pedagógico através da ludicidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Política de Educação Infantil-Proposta**. Brasília/DF: MEC, 1993.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI**. Brasília/DF: MEC/SEF, v.1, 2002.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília/DF: MEC/SEEF, 1998.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. Brasília/DF: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília/DF: MEC, 2006.

DOHME, Vania. **Atividades lúdicas na educação: O caminho de tijolos amarelos do aprendizado**. 4.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

FRANCO, Márcia E. W. **Compreendendo a Infância**. Porto Alegre: Mediação, 2002. (Cadernos de Educação Infantil; v.1).

FREIRE, Madalena. **Rotina: construção do tempo na relação pedagógica**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1998.

KRAMER, S. Direitos da criança e projeto político-pedagógico de educação infantil. In: BAZILIO, L.; KRAMER, S. **Infância, educação e direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2003.

LOUZADA, Ana Maria. **Educação Infantil: teoria e prática**. Vitória: Caepe, 1999.

MACHADO. Maria Lúcia de A. (Org.). **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Brincar: prazer e aprendizado**. 5.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

_____. **Brincar: prazer e aprendizado**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8.ed. São Paulo: Hucitec/ Rio de Janeiro: Abrasco, 2004.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação).

OLIVEIRA. Vera Barros de. (Org.) **O Brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

REDIN, Euclides. **O Espaço e o Tempo da Criança: se der tempo a gente brinca!** Porto Alegre: Mediação, 1998. (Cadernos de Educação Infantil, v.6).

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1995. (Educação e Conhecimento).

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **A Ludicidade como ciência.** Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Brinquedo e Infância: um guia para pais e educadores em creche.** 8.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Planejamento - Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico: elementos metodológicos para a elaboração e realização.** 7.ed. São Paulo: Libertad, 2000. (Cadernos Pedagógicos do Libertad; v.1).

WAJSKOP, G. **Concepções de brincar entre profissionais de educação infantil: implicações para a prática institucional.** 1996. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo